

E AGORA, JOSÉ?

(Por Fábio Calza - Junho/2008)

No presente artigo, examinaremos os motivos que levaram os escritores cristãos do século 1 AD a falarem tão pouco sobre o pai de Jesus Cristo, a partir de uma perspectiva histórica. O autor defende a tese de que razões de ordem biográfica, social, teológica e lógica fornecem a base por trás do desaparecimento de José dos Evangelhos Canônicos e outros textos antigos.

Introdução

"E como todos iam se alistar em sua própria cidade, subiu também José, da cidade de Nazaré da Galiléia, para a Judéia, à cidade de Davi chamada Belém, porque ele era da família de Davi". (Lucas 2:3,4)

O pai terreno de Jesus Cristo é uma figura apagada nos registros bíblicos, empalidecida pelas diversas referências à mãe do Mestre. Ele é mencionado somente nos chamados "Evangelhos da Infância", que são os capítulos iniciais de Lucas e Mateus dedicados à narração do nascimento de Jesus.

Outro texto a tocar no assunto é o Proto-Evangelho de Tiago, um livro apócrifo (que não faz parte do Novo Testamento) do século II AD, que alguns críticos suspeitam até poder ter se originado ainda no primeiro século, paralelamente aos dois evangelhos já citados.

Depois de contar os detalhes do nascimento e da adolescência de Jesus, todos os quatro evangelhos canônicos simplesmente parecem esquecer que um dia existiu um homem de nome José, o qual assumiu a função de pai para o Messias judeu. De fato, somente em umas poucas passagens - para ser preciso, em três - conservam-se ligeiras reminiscências dele. A primeira delas está em Lucas 4:22, onde conterrâneos perplexos se perguntam acerca de Jesus: *"Não é este o filho de José?!"*

Além desta, há outras duas citações em João 1:45 (na qual um futuro discípulo, de nome Filipe, fala do Nazareno ao seu conhecido Natanael) e 6:42, onde uma multidão contrafeita desdenha do Mestre galileu. Mas, fora estas alusões vindas de outrem, nada mais sobre José se encontra em todo o Novo Testamento ou em outras fontes do primeiro século. Ele é ignorado por Paulo em suas cartas, e o mesmo faz o nosso mais antigo evangelho, o de Marcos. É notável que na passagem paralela àquela já referida de Lucas (quando Jesus prega numa sinagoga, em sua cidade de Nazaré), Marcos omite o nome de José. Ele põe na boca dos ouvintes ofendidos a indagação: *"Não é este o carpinteiro, filho de Maria?!"*, que Mateus transforma em *"Não é este o filho do carpinteiro?!"*. (Compare-se Marcos 6:3 com Mateus 13:55).

Ou seja: se não tivéssemos a história do Natal conforme contada nas primeiras páginas de Mateus e Lucas, tudo o que saberíamos de José seria o seu nome, advindo exclusivamente daquelas três rápidas referências feitas por terceiros - a multidão irritada e o recém-recrutado seguidor Filipe. José seria um vulto esquecido, quase legendário. Ao contrário, a mãe é relativamente bem mencionada na Bíblia - com moderação, é verdade, e não tanto como poderíamos imaginar, a julgar pelo culto católico posteriormente instituído à Virgem Maria. Várias explicações são propostas para essa atitude. Alguns pesquisadores, por exemplo, sugerem que José era muito mais velho que Maria, possivelmente um viúvo, tendo, inclusive, filhos provenientes de um casamento anterior. Ele teria morrido cedo, antes do início do ministério público de Jesus, e sido sepultado na Galiléia. Esta versão encontra possível apoio no episódio relatado em João 2:12. Ao beirar os trinta anos de idade, Jesus começa seu trabalho evangelístico acompanhado apenas por sua mãe, irmãos e demais discípulos, nas viagens; nada é dito sobre o paradeiro do pai.

O Proto-Evangelho de Tiago realmente apresenta um José idoso, com medo de se casar com uma mulher bem mais jovem e, dessa forma, se tornar objeto de gozação na sua nação. Essa idéia da idade avançada e conseqüente morte do pai de Cristo, sem dúvida, conduziram a um obscurecimento de seu nome, nos escritos provenientes do primeiro século.

Neste artigo, analisaremos outros possíveis fatores para esse "sumiço", fatores estes de natureza mais ampla, que vão além da mera circunstância biográfica da vida de José.

Um sistema de clãs

Na antiga pátria dos judeus, a noção de sociedade era diferente da que estamos acostumados. As pessoas estavam inseridas em clãs, sob o qual se agrupavam a família imediata e também o círculo de parentes mais distantes, além de outros habitantes do mesmo lugar. Isto se nota nos evangelhos, onde aparecem não somente os irmãos de Jesus, mas também seu tio Cleófas e esposa, discípulos próximos, mulheres devotas, etc. Isso é coerente com o quadro social da época: indivíduos mergulhados dentro de uma comunidade que os protegia e conferia-lhes identidade.

A aldeia ou o clã exercia um controle sobre os seus membros, em troca de fornecer-lhes segurança e um sistema de referência firme para as decisões que cada um teria de tomar, na vida. Assim, era normal um jovem aprender a profissão de seu pai, por exemplo. Portanto, o retrato de Jesus como sendo "o filho do carpinteiro" (como se lê no evangelho de Mateus) é coerente com a anotação de Marcos de que o próprio Cristo era carpinteiro. (Compare-se Marcos 6:3 com Mateus 13:55).

O rompimento

Como um judeu típico, Jesus cresceu no seu pequeno clã familiar, constituído de pais, irmãos e amigos de sua cidade de Nazaré. Uma aldeia agrícola, de não mais que quinhentos habitantes, Nazaré era um vilarejo paupérrimo da Galiléia, na parte norte da Palestina. Nesse local desprezado até pelos próprios judeus, viveu um adolescente que mudaria o mundo e as vidas das pessoas. E como ele fez isso? Bem, tudo começou quando esse homem abraçou sua vocação missionária e saiu pelos caminhos da Galiléia a pregar as boas novas do reino de Deus, quando andava na casa dos trinta anos. Para tanto, porém, ele teve de pagar um preço muito alto: o rompimento com os laços familiares.

O evangelho de Marcos (3:21-35) conta que, certo dia, quando Jesus estava a pregar, seus parentes irromperam no recinto para o prenderem. O que é surpreendente, levando-se em conta a noção tão propalada da proximidade dele à sua família, especialmente à sua mãe. Comumente, se pensa que Jesus era totalmente submisso a Maria e amoroso para com sua família. Textos apócrifos posteriores tentam passar a idéia de um relacionamento mais terno entre mãe e filho, que o culto católico medieval ressaltou implicitamente, ao elevar o *status* de Maria. Mas, mesmo no Evangelho de João, enfatiza-se o relativo distanciamento espiritual entre o Mestre hebreu e sua gente, como se vê em Marcos. (Cf. João 7:1-8).

Por isso, normalmente é aceito pelos historiadores que esse "estranhamento" entre Jesus e seus parentes realmente existiu. Sua mãe e irmãos, por um instante, pensaram que ele estivesse "fora de si" e saíram para prendê-lo. Ao ser avisado que eles aguardavam do lado de fora para lhe falar, Jesus pergunta: "*Quem é minha mãe e meus irmãos?*" E responde cruamente: "*Todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe!*"

Tal colocação do Mestre significou um processo de libertação. Ele não mais estava preso àquele clã onde nascera. Não que ele tenha brigado em termos definitivos com sua família, pois vemo-lo junto a seus irmãos em muitos outros momentos. Ele continua a ter sua mãe por perto - e mesmo incentiva o cuidado com os pais. Porém... Jesus já não era controlado por eles! Tanto é que por ocasião desse incidente, Jesus instrui aos seus partidários do seguinte modo: "*Quem ama o pai ou a mãe, ou o filho e a filha, mais do que a mim, não é digno de mim. E quem não toma a sua cruz e não segue após mim, não é digno de mim*" (Mateus 10:37). Esse ensino de renúncia ao vínculo comunitário volta a aparecer em várias outros discursos, inclusive com um tom de alerta quanto a eventuais dificuldades que um seguidor do Mestre poderia enfrentar com seus amigos e familiares. (Por exemplo: Marcos 10:29; 13:12,13). De fato, pouco depois, Jesus seria literalmente expulso de Nazaré, por reiterar uma mensagem de igualdade, o que o levou a comentar: "*Não existe profeta sem honra a não ser na sua pátria, entre os seus parentes e na sua própria casa!*" (Marcos 6:1-6; Lucas 4:16-30).

Dessa forma, toda a sua pregação assumia um tom de desafio às estreitas normas sociais de reconhecimento então vigentes. Agora, todos aqueles que se aproximassem de Deus mediante a fé em Cristo participariam de uma nova família, não mais regida pelos laços de sangue ou de casta social, mas unicamente pelo vínculo do perdão e do amor ao próximo. Como é exposto em Mateus 23:8, "*Todos vós sois irmãos*", era a essência do que ele passava aos seus discípulos. Essa era uma mensagem extremamente libertadora e igualitária, à época, que mesmo hoje causa choque com as convenções socialmente impostas a todos nós.

A ênfase dos evangelhos

Do exposto acima, percebemos como Jesus de Nazaré rompeu os laços que o ligavam a seu clã familiar, quando tinha lá seus trinta anos, e saiu pela Galiléia a espalhar a mensagem de amor a Deus e ao próximo. Ficou bem claro aos seus discípulos que não mais importava a origem social e os vínculos de sangue, uma vez que seu próprio Mestre quebrara esse sistema comunitário tradicional, para criar uma nova família, regida pelo amor e o perdão.

Essa noção de igualdade prevaleceu amplamente na antiga igreja cristã, como se nota nos relatos de Atos dos Apóstolos. As pessoas que se convertiam à pregação apostólica repartiam seus bens e tinham todas as coisas em comum.

Paulo levaria a doutrina ao extremo, revestindo-a de um cunho político que transcendia os próprios limites raciais. Ele escreve aos Gálatas: *"Todos os que são da fé são filhos de Abraão"* e *"Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo"*, e ainda: *"Nisto não existe judeu nem grego, não há servo nem livre, não há macho nem fêmea; pois todos vós sois um, em Cristo"* (Gálatas 3:7,14,28).

A epístola aos Efésios, cuja autoria é controversa, também segue na mesma trilha: *"No tempo antigo, vocês estavam separados da comunidade de Israel... Mas agora, em Cristo, vós, que estáveis longe, já chegastes perto, através do sangue de Jesus. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um. E derrubou o muro de separação que estava no meio... para criar dos dois povos um novo homem, em si mesmo, fazendo a paz! ... Pois, por Jesus, ambos temos acesso ao Pai"*. (Efésios 2:11-18)

Como se nota nos excertos acima, interpretava-se a vida e a morte de Jesus como o meio pelo qual as pessoas de todo o mundo podiam se unir ao povo eleito de Israel e participar da mesma comunidade abençoada por Deus com a promessa de Abraão. De fato, em Romanos 4:16, Paulo diz que *"todos nós somos filhos de Abraão"*, referindo-se aos seus leitores de Roma.

Segundo a maioria dos pesquisadores, o evangelho de Marcos data de cerca de 70 AD. Com essa origem tão antiga, naturalmente estão embutidos nesse livro os ensinamentos de Jesus relativos ao amor que deve reger a corporação dos fiéis. Mais do que nunca, Marcos reflete as crenças e a visão teológica das primeiras associações cristãs, as quais ainda estavam em processo de separação do judaísmo, para formar a sua própria identidade doutrinária.

E você perguntará: o que isso tem a ver com o desaparecimento da figura de José, dos evangelhos e das cartas de Paulo?

Ora, nota-se facilmente como os autores destes livros (fossem quem fossem) estavam conscientes do rompimento dos paradigmas sociais, por Jesus. Tanto é que eles registraram vários exemplos desse aspecto libertário, e ao mesmo tempo integracionista, do ensino de Cristo, como vimos na parte 2 desta série.

Portanto, na primitiva comunidade judaico-cristã do primeiro século, não mais se utilizava o critério do nascimento para classificar os membros da nova família de Deus.

Conseqüentemente, os evangelistas não sentiram necessidade de ressaltar as ligações do homem Jesus com seus pais. É por isso, afora os "Relatos da Infância", que a Virgem Maria tem preservadas nos evangelhos canônicos apenas três curtas conversas com seu filho - nas quais este nem sequer lhe chama de mãe! O vocativo posto na boca de Jesus para tratar a sua genitora é "Mulher", o que indica quão pouco os evangelistas queriam realçar a filiação materna de Jesus. (João 19:25-27; 2:1-5; Lucas 3:45-50)

De fato, pouco tempo antes, Paulo comentou (Gálatas 4:4) como Cristo cumprira o propósito divino ao nascer de uma mulher - mas também não cita o nome de Maria. Isto não foi feito por machismo, como se poderia supor, nem por menosprezo à precisão histórica. O objetivo de Paulo é outro, teológico. O motivo é a necessidade de enfatizar a perda de importância dos laços genealógicos, para sublinhar o novo sentido que o Mestre deu à vida em sociedade - pois Jesus jamais pregou o isolacionismo ou o ascetismo. Com isso, Paulo ressaltava o caráter integracionista peculiar do Cristianismo, resumido posteriormente nas palavras do Evangelho de João 6:37: *"A ninguém lançamos fora"*.

Se isso é verdade quanto à pessoa de Maria, que viveu ainda por um bom tempo dentro da comunidade judaico-cristã de Jerusalém após a morte de seu filho (cf. Atos 1:14), pior situação acontecerá a José. Ele logo é ignorado pelos compiladores dos evangelhos, interessados sobretudo em mostrar o aspecto revolucionário do ato de quebrar as conexões familiares, realizado por Cristo. Como tratados teológicos que eram, a preocupação principal dos livros canônicos não diz respeito ao aspecto biográfico-histórico da vida do Nazareno, mas sim, do significado que esta vida teve nas pessoas. Por isso, eles podiam omitir maiores detalhes da

vida de José - que talvez nem fosse das mais incomuns, dado o fato de que ele era só um pobre trabalhador braçal da humilde Nazaré.

Excetuando-se a pesquisa levada a efeito para se compor os "Relatos da Infância" (ou seja, os dois primeiros capítulos de Mateus e de Lucas), José só é citado nos evangelhos canônicos em três breves passagens. Nenhuma delas está em Marcos, o mais antigo deles.

A terceira razão

Até aqui, vimos duas razões fortes que explicam a escassez de referências a José nos documentos cristãos da época. Ao motivo biográfico - a sua possível morte, antes de Cristo se tornar um homem público -, e a outro, que consideraremos como sociológico (o rompimento dos laços sociais, pelo próprio Jesus), acrescentaremos um terceiro fator, de ordem teológica. Há de se considerar que os primeiros cristãos reputavam a Jesus de Nazaré como o Messias. Dessa perspectiva, era comum eles considerarem-no como o "Filho de Deus", ou então, o "Filho de Davi", mas não como o descendente de José.

No final do primeiro século, quando os evangelhos foram reduzidos à forma escrita, o Mestre Galileu era adorado como Deus, na igreja. Prevaleceu, portanto, a interpretação paulina, que preconizava ser Jesus o Cristo (isto é, "O Ungido"), enviado para salvar toda a humanidade, e não apenas a nação hebraica.

Um pouco de História

Após a crucificação em cerca de 30 AD, Tiago, Pedro e os outros apóstolos formaram o núcleo do que viria ser a igreja. Na visão deles, Jesus viera para libertar os judeus do Império Romano; assim, ele era o Messias prometido nas veneráveis profecias do Velho Testamento. Daí, freqüentemente, essa ala inicial do Cristianismo se referir ao Mestre como o "Filho de Davi", em virtude de este rei ter sido o grande herói da nação, no passado - de fato, foi o seu primeiro "Messias". (cf. Atos 2:30; 15:13-16).

Logo em seguida, Paulo ampliou o conceito, ao livrar os gentios (isto é, os não-judeus) da obediência irrestrita aos costumes do Judaísmo (como a circuncisão). Possibilitou, então, que outros povos pudessem abraçar a nova fé, até então limitada ao berço do Judaísmo. Paulo deu os primeiros passos para que o Cristianismo se firmasse como uma religião mundial, com identidade própria. Para ele, Jesus era o próprio Deus em forma humana; por isso, utilizava constantemente o título "Filho de Deus", para denotá-lo em suas cartas - embora também reconhecesse a sua linhagem davídica (cf. Atos 13:22,23, 33-35; Romanos 1:3).

Se Tiago e os demais apóstolos consideravam a Jesus como ser divino, é assunto de acalorada discussão entre os historiadores. Por certo, nos Atos dos Apóstolos há boas evidências de que Tiago também cria que seu irmão era o filho de Deus, no sentido literal do termo.

A discussão tem sua razão de ser no fato de que os antigos judeus sempre acreditaram em um único Deus - Jeová -, embora esperassem a vinda de um Messias que lideraria a vitória final da nação sobre os seus inimigos, principalmente sobre os romanos opressores. Esse "Messias" poderia ser um rei, como o haviam sido Davi e Salomão.

Portanto, é certo que nenhuma das duas alas, a de Tiago ou a de Paulo, frisava a filiação terrena de Jesus. Os vários títulos honoríficos empregados na sua adoração ou nos contatos com outras pessoas introduziam-no sempre como o "enviado de Deus", e não como o descendente do carpinteiro.

Quando os evangelhos foram compostos, carregaram consigo essa tendência. É por isso que Marcos começa assim: "Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus", ao invés de citar José. A omissão ocorre mesmo com o livro sendo a descrição da vida de um homem judeu, povo que costumava prezar as relações genealógicas de descendência. Mas esse texto, datado de cerca de 70 AD, não toca no nome de José prá nada.

Mateus e Lucas são mais completos, pois contêm narrativas do Natal nas quais José é um personagem ativo; posteriormente, porém, ignoram-no por completo nos seus relatos.

João, que foi escrito mais tarde, lá pelo fim do século 1, foca de raspão as querelas que estouravam quanto à origem supostamente ilegítima do Nazareno. Os judeus criaram o boato de que este nascera de um ato adúltero de Maria. Assim, numa discussão violenta com Jesus, João 8:41 conserva a crua resposta deles: "Nós não somos nascidos de prostituição". Como, evidentemente, essa era uma insinuação muito grave, o quarto evangelho fez constar as duas menções a José em 1:45 e 6:42, garantindo que Jesus teve, sim, um pai hebreu.

(Provavelmente os redatores do evangelho de João não queriam repetir as histórias da infância, que Lucas e Mateus já tinham escrito; ou então, não tiveram acesso a essa parte da história. Daí as duas rápidas referências a José, as quais serviam bem ao propósito de enfatizar o nascimento honroso de Jesus).

Portanto, a necessidade de salientar a procedência divina de Cristo induziu os escritores cristãos do primeiro século a obscurecer relativamente a importância de José - um motivo de ordem teológica.

Conclusão

Por todas essas razões estudadas – biográfica, social e teológica -, José só é mencionado nos trechos de Lucas e Mateus que narram o nascimento e a adolescência de seu filho. Ainda assim, não se fala realmente nada de sua vida, enquanto pessoa. Os evangelistas não se distendem sobre ele. José somente é citado quando em conexão com aquele que era o personagem central, Jesus de Nazaré.

Por outro lado, há de se conceder que não seria normal, em seus dias, Jesus ser tratado por seus contemporâneos com um formal: "Filho de José". Não é assim que as pessoas se tratam, usualmente. Por certo que existe o caso do cego Bartimeu, que gritava: "Jesus, filho de Davi" (Marcos 10:47). Mas esta era uma situação atípica, em que aquele mendigo queria receber algo; assim, ele se utilizou de uma expressão bajuladora.

Por ocasião da entrada triunfal em Jerusalém, uma designação semelhante lhe foi atribuída por uma multidão de adeptos entusiasmados. Porém, como podemos facilmente imaginar, normalmente Jesus não seria chamado pelos amigos e pela sua família, a todo instante, como "filho de José"! Logo, é provável que a raridade desse vocativo nos evangelhos seja um reflexo de uma situação real: Cristo era costumeiramente chamado apenas pelo seu "nome normal", tal como ocorre ainda hoje entre nós. Deve-se notar que "Jesus" era um dos nomes hebraicos mais comuns, à época.

Já seus discípulos bem, como as demais pessoas estranhas, denominavam-no "Mestre" ou "Rabi", e até mesmo um reverente "Senhor". O próprio Jesus gostava de reivindicar para si o título "Filho do Homem", expressão messiânica que vem do livro do profeta Daniel, no Velho Testamento.

Do exposto, segue-se que por razão de lógica histórica, era de se esperar que o vocativo "Filho de José" não ocorresse com tanta frequência nos documentos cristãos antigos que pretendem informar sobre a vida de Jesus. Contudo, isso não minimiza o fato de que o pai do Nazareno desaparece totalmente desses registros, após cumprir o seu dever pátrio para com a criança sagrada.

.....

Fabio Calza é um estudioso das origens cristãs e do Jesus Histórico. É repórter da Revista Eclésia e colaborador do site Bíblia World Net. Também é editor da Revista Sacred Sound. Para se comunicar com o autor, envie um e-mail para: revistasacred@yahoo.com.br

Este material pertence ao site da Revista Sacred Sound -
www.sacredsound.com.br

Direitos reservados – A reprodução deste artigo é permitida, desde que citada a autoria.